



REPRESENTAÇÃO DA DEPRESSÃO NOS SITES O GLOBO E FOLHA DE S. PAULO

PERES, Thayná Santos
JAVORSKI, Elaine (Orientadora)

Resumo

A presente pesquisa, que é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, tem a finalidade de verificar como os jornais por meio de publicações representam a depressão e os diagnosticados. A metodologia que serviu de base recorreu à pesquisa de campo, com aplicação da metodologia de análise de conteúdo no período de agosto a de outubro de 2016 aos jornais O Globo e Folha de S. Paulo, que são os veículos de maior veiculação *online* do Brasil. Na análise constatou-se que mesmo em jornais de grande veiculação e, em um período de agendamento midiático, a depressão não possui o devido espaço e abrangência que deveria para gerar um debate. A bibliografia também foi relevante para o estudo, visto que argumenta sobre o histórico da depressão e como esta se apresenta na atualidade e no Brasil e, por meio disso busca incitar a discussão sobre o tema.

Palavras-chave: jornalismo; representação social; depressão.

Abstract

The present research, which is a clipping of the Work of Conclusion of Course in Journalism, has the purpose of verifying how the newspapers through publications represent the depression and the diagnosed ones. The methodology used was based on field research, applying the content analysis methodology from August to October 2016 to the newspapers O Globo and Folha de S. Paulo, which are the vehicles with the largest online circulation in Brazil. In the analysis, it was found that even in large-circulation newspapers, and in a period of mediatic scheduling, depression does not have the necessary space and scope to generate debate. The bibliography was also relevant to the study, since it argues about the history of depression and how it presents itself today and in Brazil and, through this, seeks to incite discussion on the subject.

Keywords: journalism; social representation; depression.

INTRODUÇÃO

Denominada como “mal do século” (Monteiro, 2007), a depressão mostra-se como uma patologia em alta incidência na atualidade. É nomeada dessa forma por estudiosos e pela própria sociedade, porque se torna responsável por um contingente significativo de mudança na vida das pessoas que atinge. Os primeiros sinais da doença foram observados há quatro séculos, especificamente no final do século XVII.

Souza e Lacerda (2005) afirmam que 1680 é a data em que o termo depressão foi criado “para designar um estado de ânimo ou perda de interesse” (p.17), o qual conforme as autoras surgiu com o declínio de crenças que fundamentavam a definição dos transtornos mentais daquela época.

Foi ainda na antiguidade, por volta de 500 a.C. a 100 d.C., que a depressão esteve muito associada à melancolia. Na definição de Freud (1920), conhecido como o “pai da psicanálise” e que hoje, embasa diversos estudos relacionados à mente, melancolia tem uma característica que, constantemente, pode ser relacionada a uma psicose narcisista, em que a pessoa se enxerga como um objeto perdido, que acaba causando um empobrecimento do ego. Já a depressão, para alguns autores, se estabelece ainda na infância, na qual há o primeiro contato do ser humano com o mundo, através da mãe. Caso esse contato não seja feito ou, seja rompido, em algum momento, ainda nos primeiros meses da criança, as possibilidades de se desenvolver uma depressão prevalecem, como afirma Santos e Teixeira (2011).

Atualmente, os dados mostram que mesmo existindo diversos tratamentos para pessoas com transtornos depressivos, nem 10% da população mundial tem acesso a eles¹ seja por conta da situação financeira que a pessoa passa, seja por não conhecer os métodos para o tratamento. Entre os possíveis tratamentos para a depressão estão as terapias; medicamentos; procedimentos médicos, como o eletrochoque e também uma consulta com especialistas da área.

¹ Agência Brasil. Conteúdo Agência Brasil - **Depressão é tema de campanha da OMS para Dia Mundial da Saúde de 2017**, Ano: 2016 – Disponível em: <https://nacoesunidas.org/depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-dia-mundial-da-saude-de-2017/>

Nos últimos anos presenciou-se uma crescente constatação de casos de doenças que atingem a sociedade, entre elas está a depressão. Lucena (2014) mostra que, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) indicam que a depressão é a patologia mais incapacitante, sendo que em 2030 será responsável por quase 10% do total de anos de vida saudável no mundo. E, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², divulgados em 2014, o número de brasileiros com depressão atualmente alcança 11 milhões. Para trabalhar essa expressiva disseminação da doença tanto mundialmente quanto nacionalmente, é necessário entender como ela se apresenta em diversos meios sociais.

Para embasar a pesquisa³, recorreu-se a algumas referências já existentes sobre a temática da depressão. Para que a partir disso, também se pudesse discutir a utilização de meios de comunicação jornalísticos que construam e disseminem uma discussão sobre o assunto. Um dos referenciais utilizados foi da representação social, que, de acordo com Moscovic (1978, *apud* Crusoé, 2014) garante as relações que os indivíduos têm cotidianamente, possuindo, nesse caso, uma dupla dimensão que compreende sujeito e sociedade, em uma perspectiva sociológica e psicológica do meio social.

Além disso, o estudo buscou discutir os estigmas/estereótipos voltados à doença ou pessoas diagnosticadas com depressão. Então, foi imprescindível o conceito de Goffman (2004), o qual discute que em relação ao estigma há a existência de alguns símbolos que transmitem informação social sobre o sujeito ao qual o restante da sociedade se refere. Essa informação, explica o autor, é a representação das características do indivíduo.

Partindo dessas concepções, é nítido que a aceitação de uma pessoa em um determinado grupo depende muito dos traços que estes vão considerar válidos ou não sobre a mesma. Essa atitude que o restante da sociedade tem em relação àqueles que são considerados diferentes recebe o que se pode chamar de estigma e pode ser um dos fatores para pessoas

²**Pesquisa Nacional de Saúde (2013)**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/PNS/2013/pns2013.pdf> - Acesso em: 12/08/2016

³ O presente estudo é parte de pesquisas preliminares desenvolvidas para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, no ano de 2017.

diagnosticadas com alguma doença, não buscarem ajuda. No caso de pessoas com transtornos depressivos, por exemplo, o estigma surge, segundo Gama e Cividanes (2012), quando a família ou o espaço de convívio considera a patologia como fraqueza, falta de caráter ou mesmo preguiça por parte do indivíduo.

Outro referencial utilizado foi o do suicídio relacionado a casos de depressão. Conforme explicam Bertolote, Santos & Botega (2010):

A maioria dos suicídios dá-se em pessoas que, além de sofrerem de uma doença clínica, encontram-se sob influência de transtornos psiquiátricos, como depressão e agitação, esta última frequentemente em decorrência de estados confusionais (delirium). Uma história de tentativa de suicídio é outro fator que aumenta muito o risco de suicídio (p.88).

Por fim, foram utilizados conceitos de jornalismo literário e livro-reportagem, que serviram na constituição do projeto de Conclusão de Curso. Na concepção de Vilas Boas (2002), o livro-reportagem é um produto jornalístico que auxilia o público leitor a conhecer e entender o passado e também um assunto, e para que isso se concretize, essa modalidade se une a outras áreas de conhecimento, tendo como finalidade a construção de histórias dos indivíduos que compõe a sociedade, por meio de uma narrativa escrita. E para Pessa (2011) o jornalismo literário possibilita o desenvolvimento de estratégias para a construção de reportagem que garantam um aprofundamento adequado, “tanto do ponto de vista de uma compreensão mais acurada dos personagens da vida real, quanto da identificação com a trama narrada e da apreciação da parte de quem frui o texto” (p.9).

Esses dois conceitos unidos constituem um produto jornalístico capaz de criar uma narrativa ou notícia mais ampla que as convencionais expostas em jornais diários, também trazendo consigo a possibilidade de servir de memória, a partir de relatos pessoais adquiridos por meio de entrevistas.

Após esse breve referencial constituiu-se a pesquisa de campo, para verificar dois veículos jornalísticos representam a temática da depressão. A fase da pesquisa de campo é definida por Marconi e Lakatos (2003), como “aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos

acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (p. 186). A metodologia aplicada ao presente estudo é descrita no tópico a seguir.

MATERIAL E MÉTODO

Com a finalidade de garantir maior sustentação ao estudo, foi determinada como uma das metodologias a ser empregada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977) é uma técnica que ajuda a fazer uma observação, da qual serão adquiridos a descrição do conteúdo avaliado em mensagens e os indicadores das mesmas, sejam eles quantitativos ou não. Além disso, a análise de conteúdo foi definida como a mais viável por ser, segundo Moraes (1999), uma técnica em que são utilizadas as percepções do próprio pesquisador, a partir do conhecimento que este tem de mundo e também observação e leitura dos conteúdos.

Ao longo desta evolução, cada vez mais, a compreensão do contexto evidencia-se como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem. (*id*, p. 3)

Essa técnica foi aplicada para verificar as informações publicadas nos jornais O Globo e Folha de S. Paulo que, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ) estão em primeiro e segundo lugar, respectivamente, entre os veículos de maior circulação digital, no Brasil (2015).

Além disso, a definição de observação desses jornais partiu da ideia de que eles são meios de comunicação com *status* nacional, além de pertencerem aos polos econômicos e culturais do país, com publicações consideradas formadoras de opinião, conforme ressaltam Oliveira, Massarani e Amorin (2014).

O período de verificação definido foram os meses agosto, setembro e outubro de 2016. Essa janela temporal foi consolidada pelo fato de que setembro foi o mês em que se propagou a ideia de combate ao suicídio, então,

a partir disso, a proposta era avaliar se, além do conteúdo através da busca pelas palavras-chave, nesse mês saíam matérias sobre depressão associada ao tema do suicídio, por esse estar em agendamento midiático (*agenda-setting*)⁴, já que, muitas vezes, casos de suicídio são relacionados à depressão. No mês anterior foram analisados os conteúdos para constatar se mesmo não estando em agendamento, o tema ainda era discutido nesses jornais e, por fim, em outubro por ser o mês em que há o dia Mundial da Saúde Mental (10 de outubro).

A análise foi realizada na plataforma *online*, com um alcance dos conteúdos veiculados via internet. Quatro palavras-chave foram escolhidas para a busca. A utilização das palavras-chave também levou em consideração a ideia de verificar a colocação do termo como adjetivo, sendo elas: depressão; depressão doença; deprimido e depressivas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU REVISÃO DE LITERATURA

No *site* do jornal O Globo foi encontrado 23 conteúdos no período indicado pela pesquisa. Para que não houvessem textos repetidos e para constatação caso fossem tirados do ar, os materiais foram salvos em arquivos de *word* e adicionados em uma pasta⁵.

Os gêneros presentes nas publicações de O Globo foram: reportagem; nota; entrevista; artigo e coluna. Para Melo e Assis (2016) “os gêneros devem ser considerados como artifícios instrumentais que auxiliam a indústria midiática a produzir conteúdos, consistentes e eficazes, em sintonia com as expectativas da audiência” (p.45). Nesse caso, os conteúdos analisados inseriam-se em formatos informativos, garantindo assim, a finalidade jornalística do veículo *online*.

Faraco (2005, *apud* Lara, 2007) explica que “a reportagem é um texto mais extenso, resultante de uma investigação mais detalhada dos fatos, apresentando as informações em maior profundidade” (p.15). Já para

⁴ A Teoria do Agendamento (Agenda-Setting) pressupõe que os meios de comunicação definem o tema a ser pautado no veículo midiático e o que deve ser debatido na sociedade.

⁵ Os arquivos podem ser encontrados no endereço do *Google Drive* - <https://drive.google.com/drive/folders/0ByRZWbr4CJWvS3p5UGxzdkRaV2M?usp=sharing>

entrevista, a autora traz a definição de que esta auxilia plenamente na coleta de informações, transmitindo-as assim, para o texto. Em relação à nota jornalística, esta é definida, conforme Junqueira e Moraes Júnior (2013), como uma “notícia resumida” (p.5). Melo e Assis (2016) argumentam que a coluna é um texto opinativo, nesse caso, ele pode abranger desde um comentário até uma resenha, enquanto o formato artigo, que também é opinativo, “se constrói a partir do momento em que se deseja uma apreciação do gênero opinativo, cuja finalidade é avaliar os acontecimentos” (p.47).

Do total de escritos nos três meses analisados, 8,7% qualificavam-se como nos gêneros de “reportagem” e se dividiam na maior parte entre as editorias “Cultura” e “Rio”, apresentando nas duas uma porcentagem de 27,3% e 18,2%, respectivamente. A análise do conteúdo nas editorias foi importante para verificar se mesmo com uma editoria específica designada “Saúde”, o jornal ainda optava por dar mais espaço a temática em outras, apenas citando a depressão e sem trazer mais informações acerca do caso, dando enfoque jornalístico a um assunto diferente. A porcentagem indica que mesmo havendo a possibilidade de disseminar o debate sobre o tema em um espaço destinado a isso, no caso, a editoria de “Saúde”, além do agendamento midiático do período analisado, o jornal optou por apenas publicar poucas informações a respeito dos transtornos depressivos.

Editoria: (22 respostas)

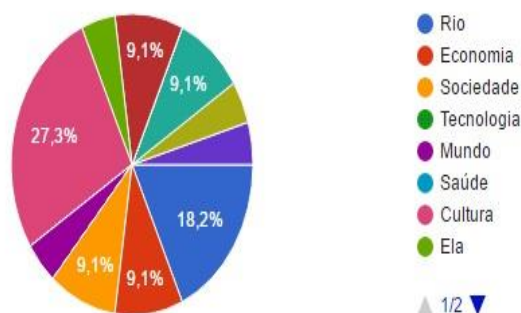


Figura 2 - gráfico demonstrativo das editorias com maior veiculação do assunto.

Entre o total de publicações, apenas uma trazia dados referentes à doença e com informações disponíveis de tratamentos, causas e entrevistas com especialistas sobre o assunto. O restante trazia o termo “depressão” como adjetivação utilizada em redes sociais (8,7%) ou citando a doença sem apresentar informações sobre o caso, entrevistas e histórias (34,8% no total) tornando dessa forma, a discussão sobre o tema consideravelmente superficial.

Sete dos conteúdos (30,4%) utilizavam os termos “deprimido” ou “depressivos” caracterizando uma pessoa em relação ao restante da sociedade, sendo um estereótipo que se confirma a partir da teoria de Goffman (2004), o qual afirma que uma informação a respeito de algo ou alguém pode reafirmar a ideia ou visão que um grupo ou mesmo a sociedade tem sobre esse determinado indivíduo. Esses dados são relevantes, já que a pesquisa busca entender como a depressão é discutida na mídia e revelar a quantidade de informações sobre o caso não só para as pessoas afetadas, mas também para seus familiares, mostrando que é fundamental a produção de pesquisas aprofundadas sobre a temática.

Outro dado levantado nas matérias do jornal O Globo foi a forma como o tema da depressão aparecia, se era de maneira primária ou não, ou seja, se o assunto era tratado como temática principal dos textos ou se colocava-se só para designar um estado de ânimo ou apenas para citar a doença em segundo plano. Levou-se em consideração como temática primária, os textos em que a depressão aparecia como foco da notícia. E como secundário, aqueles em que o tema era apenas citado para complementar alguma informação.

As imagens também foram estudadas para examinar a quantidade e a sua conotação. Do total, se verificou que vinte publicações continham imagens, 80% continham apenas uma imagem. Sendo oito (40%) com imagens de conotação positiva e as outras onze (55%) de conotação neutra. As de conotação positiva trazem a imagem de uma pessoa como alguém que superou obstáculos ou, então, a própria doença, entrando assim, em conjunto com o texto apresentado. Já, as de conotação neutra representam imagens que não enaltecem nem deploram o objeto ou ser demonstrado em relação à depressão.

Já sobre a relação da depressão com o suicídio presentes nos textos, constatou-se que, do total, 12 (52,2%) debatiam a temática dos transtornos depressivos junto ao suicídio. O que reafirma a ideia de que em diversos casos esses dois temas estão interligados.

Já em relação ao jornal Folha de S. Paulo foram avaliadas, 62 matérias⁶ contando os três meses, também encontradas via sistema de busca do *site*. Utilizando o mesmo método de pesquisa do jornal O Globo constatou-se que desses textos, 29% pertenciam à editoria de opinião e F5, entre cinco gêneros jornalísticos⁷. Vale lembrar, que nesse veículo não foram encontrados conteúdos com a busca da palavra-chave “depressivas” e apenas três textos que relacionavam suicídio à depressão.

| GÊNERO | PORCENTAGEM |
|--------------------------|----------------------------------|
| Reportagem (informativo) | 46,8% (vinte e nove conteúdos) |
| Coluna (opinião) | 38,7% (vinte e quatro conteúdos) |
| Nota (informativo) | 6,5% (quatro conteúdos) |
| Artigo (opinião) | 6,5% (quatro conteúdos) |
| Entrevista (informativo) | 1,6% (um conteúdo) |

Figura 4 - Tabela referente à porcentagem dos gêneros dos conteúdos encontrados na Folha de S. Paulo.

Dos conteúdos analisados a maior parte enquadrou-se no tamanho médio (50%) e os restante em pequeno (22,6%) e grande (27,4%). Como indica o gráfico abaixo. Considerou-se como “grande”, os textos com mais de seis parágrafos; “médio” os com até cinco parágrafos e “pequeno” aqueles com até três parágrafos, demonstrando assim, que o jornal trabalhou nesse período, com um espaço intermediário para a discussão voltada à depressão.

Das 62 analisadas, 36 apresentavam dados e dessas, apenas 15% (nove conteúdos) traziam dados referentes à depressão. Dentro das

⁶ Os conteúdos podem ser acessados no endereço do *Google Drive* - <https://drive.google.com/drive/folders/0ByRZWbr4CJWvdGI6WkY1YzVua28?usp=sharing>

⁷ Os gêneros definidos na tabela são de acordo com os conceitos de Melo e Assis (2016, p.50) – Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf> - Acesso em: 16/03/2017

publicações, apenas 17,7% citavam a doença com informações a respeito de procedimentos de diagnóstico, entrevistas e quadros envolvendo a depressão, ou seja, promovendo a discussão sobre o assunto. Enquanto o restante descrevia o termo depressão fazendo referência a uma dada época histórica e econômica, como exemplo, a Crise de 1929, que também ficou conhecida como “A Grande Depressão” ou então, utilizando termo “deprimido” para caracterizar um indivíduo. A partir dessa análise, já se percebe que as publicações novamente e em comparação ao outro veículo, trouxeram a temática de maneira estigmatizada e com raso aprofundamento jornalístico.

No que se refere à colocação do tema depressão como principal (quando no texto era discutida a temática da depressão) ou não, percebeu-se que em 33,3% dos conteúdos a depressão aparecia como temática protagonista e em 62,1 % como secundária, dessas foram contabilizados apenas os textos em que o termo “depressão” era colocado como doença e não como um período econômico. No segundo gráfico (tema secundário) foram contabilizadas 29 respostas, pois a depressão não se enquadrava nem como tema secundário em um dos conteúdos, ou seja, só foi citada sem qualquer informação acrescentada a respeito dela.

Já, com relação às imagens analisou-se a quantidade e a conotação das mesmas, além de verificar se as mesmas faziam referência à temática de transtornos depressivos. Das matérias analisadas, 52% apresentam conotação neutra (sendo que, nessa categoria foram contabilizados apenas 25 textos). Como já dito, anteriormente, a conotação levou em consideração a forma como esses ícones (imagens) se referenciavam à depressão, se era enaltecendo ou não um possível personagem que foi diagnosticado com a doença ou apenas de maneira meramente ilustrativa (com medicamentos).

Dessas analisadas, 23,1% faziam referência à depressão como doença (contabilizados apenas 26 textos, pois, algumas publicações não tinham imagens). E 76,9% não faziam referência ao termo com significação à doença. Nesse último dado, as imagens referiam-se a um contexto histórico, como a Crise de 29.

CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a deficiência tanto da Folha de S. Paulo quanto de O Globo em trabalhar com a discussão a respeito da temática da depressão em suas publicações, mesmo esta ocupando um espaço considerável na atualidade. Como demonstrado a partir da análise de conteúdo, os dois veículos, apesar de serem considerados de grande repercussão *online* pecam no que se refere à presença de informações, entrevistas e histórias pessoais nos textos observados e também não incitam a discussão acerca do tema, principalmente em um período de agendamento, quando é esperado que o assunto apareça na mídia frequentemente. A classificação da maioria das ilustrações utilizadas nos textos também foi relevante, pois essa não diz respeito a como a notícia escrita é de fato, apenas serve para retratar um conteúdo que se volta para certas adjetivações e representações simplistas sobre as pessoas que têm a doença. Assim, percebe-se que a metodologia utilizada na análise dos textos e imagens neles presentes se encontra com o que foi discutido a partir de conceitos de referencial teórico, como estigma e representação social, uma vez que se verificou a quantidade e qualidade com que as informações sobre a doença foram repassadas ao público.

Tendo isso em vista, é notório que o jornalismo ainda precisa ser uma ferramenta midiática que trace um caminho diferente sobre o olhar que as pessoas possuem em relação a quem tem depressão, reconstituindo as experiências desse grupo a partir do ponto de vista dos próprios afetados, além de outros envolvidos e especialistas, para que, assim, as representações sejam repassadas da melhor forma. Por isso, a construção de um livro-reportagem, com técnicas jornalístico-literárias torna-se relevante como um produto de comunicação para disseminar a discussão sobre essa doença, a partir de visões e discursos mais plurais e que contribuam em âmbito acadêmico e social.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. Conteúdo Agência Brasil - Depressão é tema de campanha da OMS para Dia Mundial da Saúde de 2017, Ano: 2016 – Disponível em: <https://nacoesunidas.org/depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-dia-mundial-da-saude-de-2017/>

Associação Nacional dos Jornais (ANJ). Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/> - Acesso em: 01/03/2017

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** Lisboa – Portugal, 1977. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/bardin-laurence-analise-de-conteudopdf.html> - Acesso em: 15/02/2017

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro. **A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação.** Disponível em: http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/3792/pdf_121 - Acesso em: 26/04/2017

BERTOLETE, José Manuel; SANTOS, Carolina de Melo; BOTEAGA, Neury José. **Deteção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica.** São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v32s2/v32s2a05.pdf> - Acesso em: 25/04/2017

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e outros Trabalhos (1920):** Imago. v. 18. 2006. Disponível em: <http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-18-1920-1922.pdf> - Acesso em: 12/02/2017

GAMA, Denise; CIVIDANES, Giuliana. **Doença depressiva e Estigma.** Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (ABRATA). 2012. Disponível em: <http://www.abrata.org.br/new/artigo/doencaDepressiva.aspx> - Acesso em: 21/04/2017

GOFFMAN, Erving. **Estigma** - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/92113/mod_resource/content/1/Goffman%3B%20Estigma.pdf – Acesso em: 23/04/2017

JUNQUEIRA, Carolina Nunes Ferreira; MORAES JÚNIOR, Ênio. A Estrutura Textual das Notas Jornalísticas: Um Estudo de Caso no Portal Istoé. São Paulo, 2013. Disponível: http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/carolina_junqueira_-_ii_semic_2013_0.pdf - Acesso em: 20/03/2017

LARA, Justina de. **Os Gêneros Jornalísticos com Conteúdo Informativo (A Notícia, A Reportagem e a Entrevista) nas Aulas de Língua Portuguesa: Desvelando a Linguagem Pretensamente Neutra.** 2007. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/357-4.pdf> - Acesso em: 28/03/2017

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: ATLAS, 2003, p. 186.

MELO, José Marques; ASSIS, Francisco. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório.** São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf> - Acesso em: 16/03/2017

MONTEIRO, Marli Piva. **O Mal do Século.** Estudos de Psicanálise. Salvador - Bahia, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n30/n30a15.pdf> - Acesso em: 05/02/2017

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação. Porto Alegre - RS, v. 22, n. 37, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html - Acesso em: 08/02/2017

OLIVEIRA, Sofia Luisa Moutinho de; MASSARANI, Luisa; AMORIM, Luis Henrique. **Ciência sob embargo:** um estudo de caso dos jornais O Globo e Folha. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.17, n.1, 2014. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/download/982/748> - Acesso em: 21/02/2017

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Depressão é tema de campanha da OMS para Dia Mundial da Saúde de 2017,** 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/depressao-e-tema-de-campanha-da-oms-para-dia-mundial-da-saude-de-2017/> - Acesso em: 16/03/2017

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem**: origens, conceitos e aplicações. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf – Acesso em: 31/08/2016

SANTOS, Adriana Marques dos; TEIXEIRA, Enéas Rangel. **A depressão segundo Freud, Reich e Lowen**: Convergências e Divergências, 2011, p.10. – Disponível em: <http://www.centroreichiano.com.br/artigos/Anais%202011/SANTOS,%20Adriana%20Marques%20dos;%20TEIXEIRA,%20En%C3%A9as%20Rangel.%20A%20depress%C3%A3o%20segundo%20Freud,%20Reich%20e%20Lowen.pdf> - Acesso em: 12/02/2017

SOUZA, Thaís Rabanea de; LACERDA, Acioly Luiz Tavares de. **Depressão ao longo da história**. 2015 – Disponível em: http://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_72_.pdf - Acesso em: 14/10/2016

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.